
Sobre o *Occupy Wall Street*: antecedentes e uma tentativa de perspectiva

Marco Antonio Ribas Cavalieri*

Consideremos de início o destino da clássica utopia liberal norte-americana da época da independência. Entre a revolução contra os ingleses e a ascensão dos EUA ao posto de primeira economia do mundo, o imaginário de um mundo de pequenos proprietários rurais independentes, dos EUA formados pelos *yeomen* do sonho jeffersoniano, da nação de poder descentralizado nas comunidades de iguais sofreu um duplo enterro. Primeiro na realidade e no pragmatismo político, Hamilton, homem forte do governo Washington, teve a oportunidade de plantar fundo seu elitismo centralizador nas instituições de um país que se formava. Tradicionalmente, a historiografia dos EUA mostra como esse processo foi em boa medida irreversível, o que é ilustrado pelos governos hesitantes do principal inimigo político de Hamilton, Thomas Jefferson, e, depois, pelo mandato do neojeffersoniano Andrew Jackson. Mais à frente, depois da hecatombe da Guerra Civil, o sonho liberal desmanchou-se mesmo como ideologia da luta do “homem comum” contra a dominação de seu país pelos poucos pertencentes à elite econômica. O *laissez-faire*, nas últimas décadas do século XIX, deixou de ser o ideal daquele mundo formado por pequenos proprietários independentes e (quase) iguais para ser o principal argumento dos advogados das grandes riquezas concentradas da *Gilded Age*, das fortunas dos “capitães de indústria”, daqueles que ficariam famosos também pelo nome de “barões ladrões”. É a partir desse tempo que podemos puxar um fio ligando o atual *Occupy Wall Street* aos movimentos de descontentes da virada do século XIX para o XX.

Richard Hofstadter, em seu livro ganhador do prêmio Pulitzer, *The Age of Reform*, narrou com grande precisão o processo de troca de ideologia entre os defensores de uma nação mais igual e os que falavam em nome dos grandes capitalistas. O surgimento das gigantescas corporações, dos famosos trustes e dos monopólios que o *Sherman Act* tentou sem sucesso combater colocou um novo e mais difícil desafio para os “americanos médios”. O homem comum, nesses novos tempos, tinha que confrontar suas aspirações políticas com o poder econômico - e daí político - avassalador de personagens como John D. Rockefeller, Andrew Carnegie e J. P. Morgan. Foi assim que reformistas, populistas e progressistas, muitas vezes de modo tímido, como observou Hofstadter, começaram a abandonar um dos seus valores mais caros, o individualismo. Recorreram então ao Governo Federal para conter o poder desmedidamente

* Doutor em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professor adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná. Endereço eletrônico: cavaga@uol.com.br.

concentrado nas mãos das grandes corporações e de seus donos. Certamente esse não foi um processo monotônico, mas a reversão das ideologias em algum momento do pós-Guerra Civil é um dos processos mais curiosos e marcantes ocorridos na história dos EUA.

Um pequeno movimento da década de 1890 é exemplar dessa mudança. Em 1894, depois do pânico financeiro de 1893, um grupo liderado por um empresário, Jacob Coxey, marchou desde Ohio até Washington para reclamar uma solução para o desemprego gerado pela crise. Muitos se juntaram à marcha ao longo do caminho, mesmo outros movimentos vindos do oeste, e calcula-se que pelo menos 500 militantes chegaram a Washington. A marcha teve grande publicidade na imprensa da época, em sua maior parte bancada pelo líder Jacob Coxey. O “Exército de Coxey”, nome pelo qual o movimento ficou conhecido, tinha uma solução pronta para aliviar os efeitos do ocorrido em 1893: a criação de trabalhos públicos a serem financiados através de moeda fiduciária. Thorstein Veblen, em uma pequena nota no famoso periódico que editava enquanto professor da Universidade de Chicago, o *Journal of Political Economy*, notou duas novidades que o protesto dos homens de Coxey revelara. Primeiramente, Veblen afirmou que a ideia de trabalhos públicos financiados por emissão de moeda fiduciária era uma “alucinação articulada”. Entretanto, por baixo dessa demanda específica e de uma série de outras motivações do movimento estaria a “convicção geral de que a sociedade deve a todo homem honesto uma vida decente”. Para além disso, Veblen viu entre os clamores dos protestos daqueles tempos, e especialmente no “Exército de Coxey”, o questionamento da desigualdade exacerbada. Viu também a hipótese de que a propriedade privada, e consequentemente o controle dos meios de produção deveriam ter um limite. Em segundo lugar, o fundador do institucionalismo norte-americano observou que Coxey e seus homens não dirigiram seus reclames às autoridades locais, mas queriam falar com o próprio “César”. Eles recorriam à única força que identificavam capaz de enfrentar os barões e suas grandes corporações, o Governo Federal.

Esse apelo ao Governo Federal é interessante para se destacar mais um aspecto importante dos protestos da *Gilded Age* e da Era Progressiva. Hofstadter falava em uma “revolução de *status*”. Depois da Guerra Civil, a *Gilded Age* foi o tempo da história norte-americana em que o país como um todo enriquecia, mas no qual os mais ricos elevavam esse processo à enésima potência. É daí que possivelmente pela primeira vez o americano médio se viu impotente, mesmo de posse de sua tão querida democracia, para enfrentar aqueles que do domínio da economia, sequestraram também a política. Não é que esse processo fosse inteiramente novo, mas agora estava acontecendo em uma escala monumental. Ademais, e o que é provavelmente o centro da grande transformação operada nos EUA depois de 1865, os americanos médios estavam perdendo totalmente o controle sobre suas vidas econômicas. No novo tempo, um tempo de

mercado integrado, de grandes corporações monopolistas, as decisões eram tomadas em lugares distantes e por entidades impessoais. A “revolução de *status*” de Hofstadter diz respeito à percepção dos agricultores e principalmente da classe média norte-americana sobre a deflação de sua importância política; era uma diminuição de seus *status* como cidadãos da democracia norte-americana. Por isso que Anne Mayhew, ao analisar as causas dos protestos dos agricultores entre 1870 e 1900, não encontrando evidências definitivas sobre uma queda persistente dos preços dos produtos do campo, disse que os agricultores não estavam protestando contra os preços em si, mas contra a crescente importância dos preços.

Mas, qual é a relação desses antecedentes históricos com o *Occupy Wall Street*?

Não se trata de mostrar que o movimento contemporâneo foi iniciado, assim como a marcha de Coxey, por um empresário de sucesso, o editor e proprietário da revista *Adbusters*, Kalle Lasn. Da mesma maneira, não se deseja comparar a origem social dos militantes de 1894 com a dos participantes de 2011. Nem mesmo importa muito o fato de que, enquanto exemplar dos protestos da Era Progressiva, o “Exército de Coxey” tinha uma solução fácil para o desemprego. Realmente, como admitido por um dos mais importantes e primeiros militantes do *Occupy*, o professor da Universidade de Londres David Gaebler, este movimento, até o momento, aparentemente não propôs nenhuma solução, muito menos uma fácil. Por fim, também não quero repetir aqui as dezenas, talvez centenas de análises de norte-americanos que compararam o *Occupy* com movimentos mais antigos. O importante é ter em mente aquela operação que Veblen fez ao depurar as razões e as demandas dos que marcharam com Coxey e, a partir disso, anotar que os militantes de 2011 têm uma simples e óbvia motivação: a ideia de que a sociedade deve a todo homem honesto uma vida decente.

“Nós somos os 99% e queremos retomar o país que nos foi roubado por 1% da população”. Talvez com alguma pequena mudança na proporção, esse poderia ser o lema de vários movimentos da Era Progressiva. Os jornais norte-americanos desde a década de 1990 falam em uma nova *Gilded Age*. A revista *New Yorker* publicava uma coletânea de artigos sobre esse tema já no ano 2000. O que está ocorrendo, de forma amplificada, é um novo ciclo de deflação de *status*, um novo tempo em que os mais ricos empreendem sua ganância sobre a economia, mas não só, também deixam seus concidadãos - os outros 99% - em um estado de total ceticismo em relação à capacidade de sua democracia lhes dar representatividade. O sentimento de impotência frente a um mercado impessoal e longínquo provocou o movimento do século XIX; a mesma sensação de que o voto pouco pode fazer em relação ao turbilhão financeiro sem rédeas gerou o movimento atual. Talvez por isso o *Occupy* tenha se dirigido ao centro do capitalismo financeiro norte-americano, e não à Washington, como fizeram os seguidores de Coxey.

Todavia, os participantes do *Occupy Wall Street* não são totalmente ingênuos. Apesar de seus métodos anarquistas de reunião, várias das demandas se referem, sem dúvida, à atuação do Governo. Um dos primeiros movimentos a se juntar com os seguidores da *Adbusters* foram os membros do *New Yorkers Against Budget Cuts*. Sistema de saúde, regulação do mercado financeiro e mesmo medidas como o fim da pena de morte e o desmanche do complexo industrial militar, que estavam em alguns cartazes no *Zuccotti Park*, dizem respeito a políticas de Estado.

Os EUA já passaram por situações semelhantes, enquanto país capitalista e enquanto nação democrática. A época em que surgiu o “Exército de Coxey” parece ter inaugurado essa trajetória. Foi naquele tempo que a utopia liberal norte-americana perdeu sua inocência. Porém, foi também naqueles anos, e em consequência de movimentos como o de Coxey, repetidos ao longo das décadas do que se chamou de Era Progressiva, que se engendraram mudanças. Essas operaram via Governo, via sistema político. Os políticos norte-americanos responderam àquele tempo com a incorporação de muitas demandas progressistas aos seus programas. Theodore Roosevelt, republicano, e Woodrow Wilson, democrata, representaram na presidência esse processo - é claro que não sem idas e vindas, hesitações e discursos maiores que as realizações. Nesse momento, porém, não vale arriscar a opinião de que a democracia norte-americana terá, hoje, a mesma capacidade regenerativa. Mas, os antecedentes históricos daquele grande país democrático devem fazer-nos céticos em relação a uma suposta incapacidade dos 99% retomarem, via democracia e em alguma medida, o controle de sua nação.